

DE “ESTADISTA” A DITADOR: A REPERCUSSÃO DO EXÍLIO DE PERÓN NO PARAGUAI NAS REPRESENTAÇÕES SOBRE STROESSNER E SEU GOVERNO N’O *GLOBO* (1954-1955)

FROM “STATESMAN” TO DICTATOR: THE REPERCUSSION OF PERÓN’S EXILE IN PARAGUAY IN THE REPRESENTATIONS OF STROESSNER AND HIS GOVERNMENT IN *O GLOBO* (1954-1955).

Paulo Renato da Silva.¹

Waldson de Almeida Dias Júnior.²

RESUMO: O objetivo do artigo é analisar as representações sobre Stroessner e o seu governo no jornal brasileiro *O Globo* entre a posse do ditador paraguaio em agosto de 1954 e o exílio do presidente argentino Juan Domingo Perón no Paraguai entre 2 de outubro e 2 de novembro de 1955. O exílio de Perón despertou o interesse da imprensa internacional e levou *O Globo* a analisar Stroessner a partir do antiperonismo existente na imprensa liberal brasileira. Para a oposição paraguaia foi uma oportunidade para denunciar o autoritarismo existente no país. O artigo propõe uma leitura da ditadura Stroessner em perspectiva transnacional. Além disso, aponta a existência de questionamentos a Stroessner na imprensa brasileira antes do aprofundamento das relações Brasil-Paraguai durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961).

PALAVRAS-CHAVE: Stroessner; Perón; imprensa; Brasil; Paraguai.

ABSTRACT: The aim of the article is to analyze the representations about Stroessner and his government in the Brazilian newspaper *O Globo* between the Paraguayan dictator presidential inauguration in August 1954 and the exile of Argentine president Juan Domingo Perón in Paraguay between October 2nd and

* Resultado do projeto de pesquisa Relações – e tensões – Paraguai-Brasil durante a ditadura Stroessner (1954-1989): entre a memória da Guerra da Tríplice Aliança (1864/1865-1870) e o “progresso”, registrado na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) sob o código PIA2900-2021. Projeto coordenado pelo Prof. Dr. Paulo Renato da Silva.

¹ Doutor em História (2009) pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor da UNILA em Foz do Iguaçu (PR), onde atua na graduação e no Mestrado em História. Entre 2018 e 2019 desenvolveu pesquisa de pós-doutorado no Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (CIDEHUS) da Universidade de Évora (UÉ), Portugal. E-mail: paulo.silva@unila.edu.br

² Graduado (2011) em História pela Faculdade União das Américas (UniAmérica) de Foz do Iguaçu. Mestre (2018) em Estudos Latino-Americanos pela UNILA. Professor da Secretaria de Estado da Educação do Paraná desde 2015. E-mail: waldsonjr_net@hotmail.com

November 2nd, 1955. Perón's exile aroused the interest of the international press and led *O Globo* to analyze Stroessner based on the anti-Peronism that existed in the Brazilian liberal press. For the Paraguayan opposition, it was an opportunity to denounce the authoritarianism that exists in the country. The article proposes a reading of the Stroessner dictatorship from a transnational perspective. Furthermore, it points to the existence of questions about Stroessner in the Brazilian press before the deepening of Brazil-Paraguay relations during the government of Juscelino Kubitschek (1956-1961).

KEYWORDS: Stroessner; Perón; press; Brazil; Paraguay.

Introdução.

“No que se refere à política interna (...) quero significar, desde logo, meu desejo de redemocratizar a vida do país que irei governar, com a ajuda de Deus.”

O general Alfredo Stroessner em entrevista para *O Globo* antes de assumir a presidência do Paraguai (apud DA MATTA, 4 ago. 1954, 1ª seção, p. 9).

(...) o Governo paraguaio não mediu esforços para confundir ainda mais os repórteres estrangeiros, faltando-lhes, premeditadamente, com o democrático dever de lhes fornecer a orientação mais ordinária a respeito do rumoroso “caso”. Geraldo Romualdo da Silva, enviado especial d’*O Globo* ao Paraguai para cobrir o “rumoroso caso” do exílio de Perón no país. (4 out. 1955, 1ª seção, p. 3).

A ditadura do general Alfredo Stroessner (1954-1989) no Paraguai foi marcada pelo aprofundamento das relações com o Brasil, ainda que acordos e ações importantes entre os dois países existissem pelo menos desde a década de 1930 em áreas como educação, cultura, defesa e transportes, dentre outras. (MORAES, 2000; DORATIOTO, 2012).

Segundo Silva (2015), a historiografia sobre as relações Brasil-Paraguai é marcada por uma visão teleológica que desconsidera a historicidade do processo, suas tensões e indeterminação. Da famosa visita de Getúlio Vargas ao Paraguai em 1941 – a primeira de um presidente brasileiro ao país – à usina hidrelétrica binacional de Itaipu – cuja construção foi iniciada na década de 1970 –, a aproximação entre os dois países por vezes é tratada como um processo inevitável, para o qual teria colaborado a suposta simpatia pelo Brasil

nutrida por Stroessner e seu partido, a Associação Nacional Republicana (ANR) – a ANR é mais conhecida como Partido Colorado.³

As tensões, quando consideradas, se concentram a partir da crise dos Saltos del Guairá em 1965⁴, no Tratado de Itaipu (1973), nos brasiguaios⁵ e nas resistências que a aproximação entre os dois países provocaram especialmente no Paraguai, sobretudo entre opositores de Stroessner.⁶ No entanto, existiram tensões anteriores e de distinta natureza.

Considerando que no palco das relações exteriores atuam outros atores além dos Estados nacionais, um desses momentos de tensão foi o breve exílio do presidente argentino Juan Domingo Perón (1946-1955) no Paraguai, o qual teve expressiva repercussão na imprensa brasileira e estrangeira.⁷ Após ser derrubado por um golpe de Estado, o presidente argentino se exilou no Paraguai entre 2 de outubro e 2 de novembro de 1955.⁸ *O Globo* acompanhou de perto o episódio com enviados especiais a Buenos Aires e Asunción. Atenção similar foi dada por agências internacionais de notícias publicadas pelo jornal.

Em 3 de outubro de 1955, houve eleição no Brasil, da qual saíram vitoriosos Juscelino Kubitschek como presidente e João Goulart como vice. As

³ Sobre a suposta simpatia de Stroessner e da ANR pelo Brasil cf. Neri Farina (2003), Brezzo e Yegros (2010) e Soler (2012).

⁴ A respeito da crise dos Santos del Guairá cf. Colmán (2016).

⁵ De um modo geral, o termo se refere aos imigrantes brasileiros no Paraguai. Para saber mais sobre os brasiguaios cf. Albuquerque (2009).

⁶ O Tratado de Itaipu é criticado, pois teria sido feito em benefício dos brasileiros, já que o Paraguai foi obrigado a vender a energia não consumida ao Brasil. O Tratado se refere à criação, construção e funcionamento de Itaipu, construída no Rio Paraná na altura de Foz do Iguaçu, no Brasil, e Hernandarias, no Paraguai. Cada país tem direito a 50% da energia produzida pela usina. Quanto aos brasiguaios, alguns se tornaram latifundiários no país, o que gerou – e gera – tensões com proprietários e camponeses paraguaios.

⁷ O artigo *A imprensa nas relações internacionais: o golpe de 1964 no Brasil como construção midiática na Argentina* (2022), de Helder Gordim da Silveira, é um exemplo das relações entre imprensa e relações internacionais. O autor demonstra como a cobertura do golpe de 1964 no Brasil por periódicos argentinos como o jornal *Clarín* e a revista *Primera Plana* endossava propostas autoritárias para a crise político-institucional e socioeconômica então vividas pela Argentina. Dois anos depois, em 1966, a Argentina sofreu um golpe de Estado.

⁸ Em 16 de setembro de 1955 teve início um levante militar em Córdoba liderado pelo general Eduardo Lonardi. Em 20 de setembro Perón se refugiou na embaixada do Paraguai, mas deixou a Argentina apenas em 2 de outubro devido às negociações – e tensões – entre os dois países, além do mau tempo e dúvidas sobre como Perón viajaria. (SEIFERHELD; DE TONE, 1988). Lonardi assumiu provisoriamente a presidência da Argentina em 23 de setembro. Depois do Paraguai, Perón passou pelo Panamá, Venezuela, República Dominicana e Espanha, onde residiu a maior parte do tempo até retornar à Argentina definitivamente em 1973 – em 1972 esteve um breve período no país.

eleições para presidente e vice eram separadas, mas Juscelino e Goulart pertenciam à mesma coligação. Juscelino era do Partido Social Democrático (PSD) e Goulart foi candidato pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Goulart era negativamente associado ao varguismo e peronismo por líderes e grupos liberais, dos quais *O Globo* era um dos principais representantes na imprensa brasileira.⁹ Goulart tinha sido Ministro do Trabalho no último governo de Getúlio Vargas (1951-1954) e era acusado por líderes e grupos liberais de desejar uma “república sindicalista” e autoritária no Brasil. Juscelino, ao se coligar com o PTB de Goulart, também foi fortemente associado ao varguismo pel’*O Globo* e outros veículos de imprensa. (KRILOW, 2022). Assim, a cobertura da queda de Perón pel’*O Globo* e dos primeiros passos de seu exílio no Paraguai esteve profundamente relacionada com debates que marcavam a política brasileira. Nas eleições de 1955, *O Globo* apoiou Juárez Távora para presidente e Milton Campos para vice. Távora e Campos foram candidatos pela União Democrática Nacional (UDN), partido caracterizado pelo antivarguismo e antiperonismo.

Segundo Alfredo M. Seiferheld (1988, p. 13-14), Stroessner recebeu Perón por “solidariedade”, pois, no ano anterior, a Argentina tinha devolvido ao Paraguai os troféus da Guerra da Tríplice Aliança (1864/1865-1870) que estavam em poder dos argentinos. Os troféus eram bens públicos e privados que tinham sido levados do Paraguai por tropas argentinas. (BREZZO, 2014). A devolução dos troféus teria dado popularidade a Perón no Paraguai.¹⁰ Contudo, Stroessner, ao receber Perón, voltou as atenções da imprensa internacional para

⁹ O liberalismo apresenta variações ao longo de sua história. Em meados do século XX, podemos apontar o anticomunismo, a crítica ao autoritarismo e à censura e a crença no papel educador da imprensa como algumas das principais características da imprensa liberal brasileira. Sobre a imprensa liberal brasileira entre 1945 e 1948, cf. SILVA (2009) – *O Globo* é um dos jornais analisados pelo autor.

¹⁰ Informe da Embaixada dos Estados Unidos no Paraguai, assinado pelo Primeiro Secretário Andrew B. Wardlaw e datado de 14 de outubro de 1955, fornece elementos sobre a popularidade de Perón no país: “El pasado domingo [8] Perón celebró su cumpleaños, en medio de varias demostraciones de buena voluntad por parte de civiles paraguayos y de organizaciones sociales paraguayas. Esa mañana temprano recibí serenatas de varios grupos musicales., incluyendo un representante del Club Cerro Porteño, el cual está en deuda con Perón por diversos generosos apoyos financieros y morales. Durante el día aparecieron representantes de los colegios ‘República Argentina’ y ‘Domingo Faustino Sarmiento’, para congratularlo.” (apud SEIFERHELD; DE TONE, 1988, p. 135).

o Paraguai e passou a ser visto, também, a partir do antiperonismo que marcava *O Globo* e a imprensa liberal do período. Houve uma “guinada nas representações” quando comparamos as matérias sobre Stroessner n’*O Globo* antes e durante o exílio de Perón. Para a oposição paraguaia foi uma oportunidade para denunciar internacionalmente o autoritarismo existente no país. Quando Juscelino Kubitschek assumiu a presidência poucos meses depois, em 31 de janeiro de 1956, aprofundou as relações com o Paraguai com acordos comerciais, culturais e obras como a Ponte da Amizade.¹¹ Contudo, também herdou as representações negativas sobre Stroessner durante o exílio de Perón, às quais se somaram novos elementos e denúncias contra o ditador paraguaio. Conforme lembra Alfredo da Mota Menezes, “aqueles primeiros passos na relação entre o Brasil e o Paraguai aconteciam no momento máximo do experimento democrático em terras brasileiras” (MENEZES, 1987, p. 63), o que motivou críticas internas e externas à política exterior brasileira:

De Dutra a Goulart, o Brasil teve um bom ensaio em Democracia, pois os presidentes foram eleitos livremente pelo povo. Por outro lado, o Paraguai tinha como Presidente um homem que foi ao poder pela força (...). (MENEZES, 1987, p. 63).

Roger Chartier destaca que a História Cultural “tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” (CHARTIER, 2002, p. 16-17). Segundo Chartier, as representações sobre uma determinada realidade social se referem aos “mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tentar impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio.” (CHARTIER, 2002, p. 17).

Na análise das representações, Chartier destaca a necessidade de considerar os “esquemas intelectuais incorporados”. “São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado.”

¹¹ A Ponte, cuja construção foi custeada pelo Brasil, liga a cidade brasileira de Foz do Iguaçu à Ciudad del Este, no Paraguai. Quando a Ponte foi inaugurada em 1965, Ciudad del Este se chamava Puerto Presidente Stroessner em homenagem ao ditador paraguaio.

(CHARTIER, 2002, p. 17). Conforme indicamos, durante o exílio de Perón, o autoritarismo existente no Paraguai foi lido a partir do antiperonismo que caracterizava *O Globo*.

Metodologicamente, analisamos *O Globo* como fonte e objeto.¹² Além de levantar as representações sobre Stroessner e seu governo entre a posse em 1954 e o exílio de Perón no Paraguai em 1955, o objetivo do artigo é analisá-las, comparando as diferenças e relacionando-as a posições políticas d’*O Globo* naqueles anos, especialmente o antivarguismo e o antiperonismo. A análise dessas representações passa por considerar como foram inseridas no jornal. Tânia Regina de Luca destaca que “a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público.” (LUCA, 2008, p. 139). A autora explica que “é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas.” (LUCA, 2008, p. 140). Tânia Regina de Luca considera que uma das contribuições da imprensa para a História é que “cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder.” (LUCA, 2008, p. 128).

A cobertura do exílio de Perón pel’*O Globo* indica que o episódio não envolveu apenas o Paraguai e a Argentina e teve repercussões na imprensa e

¹² Foi consultado o acervo digital do periódico, disponível sob assinatura em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/>>. A palavra-chave principal que norteou a busca de matérias foi Stroessner no campo “Expressão ou frase exata”. Em cada ano foi encontrado o seguinte quantitativo de matérias digitalizadas com o nome do ditador: 1954 (5) e 1955 (19). Também foi feita uma busca com as palavras-chaves Stroessner e Perón no campo “Todas estas palavras”. Das 19 referências a Stroessner em 1955, em 12 constam o nome de Perón na mesma matéria, todas entre setembro e dezembro, o que indica o interesse despertado pelo exílio do presidente argentino no Paraguai. Entre maio e agosto de 1954 foi feita uma busca de matérias com a palavra-chave “Paraguai” em “Expressão ou frase exata” para acompanhar como o jornal cobriu o período entre a queda do presidente paraguaio Federico Chaves em maio e a posse de Stroessner em agosto – nesse caso surgiram novas referências ao ditador paraguaio, não contempladas no primeiro critério de busca destacado acima, o que indica imprecisões no sistema do acervo digital. Outra busca foi feita entre setembro e dezembro de 1955 com a palavra-chave Perón em “Expressão ou frase exata” para traçar um panorama das representações sobre o presidente argentino, não necessariamente relacionadas ao exílio no Paraguai. No decorrer do artigo, os textos provenientes de agências internacionais sem autoria indicada são referenciados conjuntamente com *O Globo*. As agências citadas são as norte-americanas International News Service (INS) e United Press (UP) e a francesa France Press (AFP/FP). Além disso, nas citações d’*O Globo*, incluímos a seção em que foram publicadas, pois cada seção tinha uma paginação própria. Contudo, há casos em que o número de uma página se repete dentro de uma mesma seção.

política brasileiras. Para José D'Assunção Barros, a história transnacional “não se liga a uma aversão ao nacional”, mas indica as suas limitações como categoria predominante de análise. (BARROS, 2019, p. 7). Consideramos que a ênfase em uma fonte brasileira como *O Globo* não inviabiliza o exercício transnacional. Referindo-se a Micol Seigel, Barros considera que “a nação pode ser perfeitamente estudada em uma perspectiva transnacional, e estudos transnacionais podem se apresentar no interior de fronteiras nacionais [grifo nosso].” (BARROS, 2019, p. 7).

Além de ser representativo do liberalismo brasileiro, a opção pel’*O Globo* decorre do seu alcance no período. Publicado na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, *O Globo* foi fundado em 1925 e, na década de 1950, se consolidava dentre os principais jornais do país. Segundo Rafael Ganster, além da importância quanto ao número de exemplares vendidos – cerca de 100 mil exemplares diários –, nos anos 1950 *O Globo* se destacava por inovações técnicas e editoriais, o que lhe tornava uma das principais referências do jornalismo brasileiro. (GANSTER, 2017, p. 45).

Além disso, o jornal já publicava um número expressivo de agências internacionais de notícias sediadas nos Estados Unidos e Europa. Ricardo Mendes e Jacqueline Ventapane (2019) relacionam as agências e a Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP) ao imperialismo.¹³ Segundo os autores, as agências ajudavam na defesa dos interesses e na promoção de uma boa imagem dos países em que estavam sediadas; a SIP, por sua vez, seria uma representante dos interesses dos Estados Unidos, pois a maioria dos veículos de imprensa que compunham a entidade era norte-americana.¹⁴ No caso de Perón, o presidente

¹³ SIP se refere à sigla em espanhol de Sociedad Interamericana de Prensa.

¹⁴ Entretanto, existiram nuances nesse alinhamento d’*O Globo* com as agências internacionais de notícias. Se por um lado o jornal foi um porta-voz das agências e, conseqüentemente, dos interesses norte-americanos, por outro defendeu os interesses do Estado brasileiro no Paraguai. N’*O Globo*, a “guinada das representações” de Stroessner e seu governo, sobretudo a partir do exílio de Perón, conviveu durante o governo de Juscelino Kubitschek com a promoção das relações entre Brasil e Paraguai. Em artigo anterior (SILVA; DIAS JÚNIOR, 2019), analisamos as reportagens sobre a construção da Ponte da Amizade n’*O Globo*. A memória da Guerra da Tríplice Aliança era um obstáculo na aproximação entre Brasil e Paraguai. Entretanto, ambos os governos mobilizaram diferentes elementos para legitimar a aproximação representada pela Ponte: a Guerra é tratada como um episódio “isolado” e “superado”; os dois países estariam unidos por elementos em comum como a cultura guarani; finalmente, a construção traria

argentino era crítico do papel desempenhado pelos Estados Unidos na América Latina, elemento importante para a compreensão do antiperonismo n’*O Globo* e na imprensa liberal brasileira de modo geral.¹⁵

O golpe de 1954 e a “eleição” de Stroessner

O general Alfredo Stroessner, comandante em chefe das Forças Armadas, derrubou o presidente Federico Chaves em 4 de maio de 1954. Ambos eram do Partido Colorado.¹⁶ A presidência foi entregue a Tomás Romero Pereira, presidente do partido. Stroessner se manteve no controle das Forças Armadas e, em julho, disputou eleições como candidato único – o que não era incomum no Paraguai. Em 15 de agosto de 1954, assumiu a presidência, na qual permaneceu por quase 35 anos, assim como no comando dos militares.

As primeiras notícias sobre a queda de Chaves destacavam a imprecisão e o desencontro de informações. (O GLOBO; INS; AFP; UP, 6 mai. 1954, 1ª seção, p. 6). Nos dias seguintes predominaram breves notas informativas sobre o governo provisório de Tomás Romero Pereira (O GLOBO; AFP; INS, 10 mai. 1954, 1ª seção, p. 16), a possível candidatura de Stroessner (O GLOBO; AFP, 10 mai. 1954, 1ª seção, p. 8) e o reconhecimento do novo governo pelos Estados Unidos. (O GLOBO; AFP, 15 mai. 1954, 1ª seção, p. 7).

“progresso” para o Paraguai e o Brasil – em particular para a região de fronteira – e, assim, ajudaria a conter o comunismo. *O Globo* reproduziu e tendeu a corroborar essas posturas governamentais.

¹⁵ Raymundo Siepe destaca que a neutralidade argentina mantida até praticamente o término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) descontentou os Estados Unidos. Perón era um dos principais nomes da ditadura que governou o país entre 1943 e 1946, portanto, nos anos finais da guerra, o que despertou desconfianças dos Estados Unidos em relação ao seu nome. Siepe destaca que os Estados Unidos, já com Perón eleito presidente, não desejavam a formação de um bloco de países no Cone Sul sob a liderança da Argentina. Apesar disso, segundo o autor, a posição do governo peronista foi a de evitar um “choque frontal” com os Estados Unidos, ainda que às vezes se produzisse. Siepe cita que a Argentina sob Perón adotou “uma linha discreta e de abstenção em muitas das votações nos organismos internacionais (OEA, ONU)” e manteve “relações diplomáticas com quase todos os países, tanto do bloco ocidental como do oriental” (SIEPE, 2007, p. 66). Outro exemplo dado pelo autor é o contrato assinado em 1955 com a petroleira norte-americana Califórnia para exploração de petróleo na Argentina.

¹⁶ Os motivos do golpe foram sobretudo disputas internas entre os colorados. Para saber mais sobre o golpe de 1954 no Paraguai cf. Nickson (2010).

Em 21 de maio de 1954, *O Globo* entrevistou o ex-ditador paraguaio Higínio Morínigo (1940-1948), exilado no Brasil.¹⁷ A entrevista foi um dos destaques da primeira página do jornal naquele dia; apesar de ter sido uma manchete secundária, contou inclusive com uma foto de Morínigo junto do repórter que lhe entrevistou. O ex-governante paraguaio se referiu à queda de Chaves como “golpe”, cobrou “eleições livres” e sentenciou: “O Partido [Colorado] não gosta de democracia. Governa em detrimento da maioria.” (apud O GLOBO, 21 mai. 1954, 1ª seção, p. 7). Contudo, não há nenhuma crítica direta ao então candidato Stroessner.

Três dias depois, em 24 de maio de 1954, sob o título “Sem liberdade de expressão não existe a democracia”, *O Globo* noticiou um relatório da SIP sobre liberdade de expressão nas Américas. Quanto ao Paraguai, o jornal cita um trecho do relatório segundo o qual o governo do país teria autorizado “recentemente, um membro da oposição a fundar o seu jornal”, mas nenhum detalhe é fornecido. (apud O GLOBO, 24 mai. 1954, 1ª seção, p. 2).

Em 12 de julho de 1954, uma pequena nota da United Press publicada pelo *O Globo* mencionou as eleições ocorridas na véspera. O título “Eleições no Paraguai com um único candidato” dá o tom das desconfianças da imprensa internacional que pairavam sobre Stroessner desde sua candidatura – apesar do reconhecimento do governo provisório de Tomás Romero Pereira pelos Estados Unidos e do relatório da SIP indicar um processo de normalização da liberdade de expressão no Paraguai. Assim, a nota sugere a existência de fissuras entre as agências de notícias, a SIP e os Estados Unidos, apesar do mencionado alinhamento político. A nota citou a eleição de Stroessner como “presidente constitucional”, mas lembrava que o eleito completaria o mandato do ex-presidente Federico Chaves, “deposto há poucos meses por um movimento chefiado por aquele militar.” (O GLOBO; UP, 12 jul. 1954, 1ª seção, p. 12).

Em 4 de agosto, poucos dias antes de assumir a presidência, Stroessner foi tema de matéria para *O Globo* – a qual esteve dentre os destaques da

¹⁷ Morínigo não era colorado, mas contou com o apoio da ANR após a Segunda Guerra Mundial e, especialmente, durante a guerra civil de 1947. Sobre o governo de Morínigo e a guerra civil de 1947 cf. Boccia Paz (2013).

primeira página daquele dia. A matéria ocupou cerca de um quarto de página e contou com foto de Stroessner em uma escola cercado por professora e estudantes – portanto, um espaço bem maior do que a nota da United Press comentada acima. Conforme destacado na epígrafe, Stroessner se apresentou com o propósito de “redemocratizar” o Paraguai com a “ajuda de Deus”. Falou ainda em “obter a cooperação de todos, [e em] garantir uma pacificação política duradoura”, as quais seriam indispensáveis para o “grande futuro” que aguardaria o Paraguai. (apud DA MATTA, 4 ago. 1954, 1ª seção, p. 9).¹⁸

A matéria de Ary da Matta, enviado especial d’*O Globo* a Asunción, endossou as palavras de Stroessner. O início da matéria destacou que, no Paraguai, haveria “um grande esforço de recuperação econômica, de harmonia, cooperação e estabilidade de seus quadros de política interna.” (DA MATTA, 4 ago. 1954, 1ª seção, p. 9). Haveria, também, uma renovação e ampliação da educação e do ensino “em bases modernas, altamente produtivas.” (DA MATTA, 4 ago. 1954, 1ª seção, p. 9). Stroessner foi apontado como “Fiador desta ação renovadora”. (DA MATTA, 4 ago. 1954, 1ª seção, p. 9). Ary da Matta se referiu ao “presidente eleito” do Paraguai como um “soldado romano”, um “estadista” que dormiria “apenas quatro horas”, o qual sacrificaria “seu sono e repouso para aumentar as horas de vigília trabalhando afanosamente”. (DA MATTA, 4 ago. 1954, 1ª seção, p. 9).

A matéria deu destaque para as relações entre Brasil e Paraguai. Stroessner saudou as missões Militar e Cultural¹⁹ que o Brasil desenvolvia no Paraguai, o que também foi endossado por Ary da Matta:

¹⁸ Cabe aprofundar as representações d’*O Globo* sobre o governo Chaves, antecessor de Stroessner. Entretanto, é interessante apontar que, inicialmente, sua chegada ao poder foi acompanhada por questionamentos e promessas de pacificação similares ao início da ditadura stronista. Em 12 de setembro de 1949, a partir das agências France Press e International News Service, *O Globo* destacou que Chaves era “chefe do *único partido legal* da nação, o Colorado [grifo nosso]” e teria prometido “pacificar definitivamente o país”. A chegada de Chaves à presidência, após a derrubada do também colorado Felipe Molas López, contou com manchete na primeira página d’*O Globo*. A manchete destaca que Molas López foi “forçado a renunciar”. (O GLOBO; AFP; INS, 12 set. 1949, 1ª seção, p. 1-3).

¹⁹ Ceres Moraes (2000, p. 92) destaca que o Brasil passou a oferecer treinamento militar no Paraguai a partir de 1940, o que se consolidou em 1948. Sobre a Missão Cultural, a autora aponta que foi sistematizada em um acordo de 1952. Contudo, ações culturais brasileiras no Paraguai, de distinta natureza, já eram desenvolvidas no país. (2000, p. 100).

Lembramos ao general Stroessner a nossa emoção quando da visita que fizemos à Escola Brasil de Asunción e ao Instituto Paraguaio-Brasileiro de Cultura. Ali a grande maioria de estudantes e professores acompanhavam com grande interesse a evolução brasileira. Os estudantes do Instituto falam fluentemente nossa língua e as crianças da Escola Brasil cantam com emoção o Hino Nacional brasileiro e conservam em suas vozes infantis as melhores peças de nosso cancionário popular. (DA MATTA, 4 ago. 1954, 1ª seção, p. 9).

Conforme aponta Daniele Reiter Chedid, Ary da Matta proferiu, no ano anterior, a conferência “O Correio Aéreo Nacional” na Faculdade de Filosofia de Asunción, atividade promovida pela Missão Cultural (2014, p. 53).²⁰

Ainda na matéria escrita por Ary da Matta, Stroessner apontou para o tema da ligação rodoviária entre Brasil e Paraguai. Segundo o então “presidente eleito” do Paraguai, faltavam “apenas” 200 quilômetros para serem construídos entre Coronel Oviedo no Paraguai e Foz do Iguaçu no Brasil para que os paraguaios pudessem ter acesso ao porto franco concedido pelo Brasil ao país vizinho.²¹ Esse tema passaria a ser central após a eleição de Juscelino Kubitschek no Brasil, cujo governo iniciou a construção da Ponte da Amizade que liga os dois países.

Em 2 de maio de 1955, Ary da Matta voltou a publicar um texto panegírico a Stroessner. O texto foi publicado após a condecoração de Stroessner, em abril, como piloto honoris-causa da Força Aérea Brasileira (FAB). Da Matta definiu Stroessner como “homem de espírito” e “presidente aviador” e reproduziu discurso sobre o governante paraguaio pronunciado pelo adido aeronáutico brasileiro em Asunción:

²⁰ As origens do Correio Aéreo Nacional (CAN) remontam a 1931. Trata-se de um serviço aéreo postal cuja criação visava aprimorar a integração do território brasileiro. Em 1936, Asunción se tornou o primeiro destino internacional do CAN, o qual passou a ser peça importante na relação do Brasil com países vizinhos.

²¹ Um porto franco é caracterizado pela isenção de taxas alfandegárias. Acordo assinado em 1941 estabeleceu Santos como porto franco aos paraguaios. Posteriormente, o decreto n. 42.920, de 30 de dezembro de 1957, estabeleceu o porto de Paranaguá – portanto, depois da matéria de Ary da Matta. No mesmo decreto os paraguaios concederam Concepción, às margens do rio Paraguai, como porto franco ao Brasil.

A 500 km por hora e a 5.000 metros de altitude, mais perto de Deus do que dos homens, o horizonte é ilimitado, os pensamentos mais puros e se pode, então, descer à terra para melhor governar os homens, dentro dos ideais democráticos.” (apud DA MATTA, 2 mai. 1955, 2ª seção, p. 13).²²

As matérias de Ary da Matta indicam que *O Globo* abriu espaço para perspectivas positivas sobre Stroessner, apesar da entrevista de Morínigo e da nota da United Press publicadas pelo jornal com críticas ao processo eleitoral de 1954. Observa-se, ainda, que o apelo ao panamericanismo já estava presente, o que se aprofundou nos anos seguintes especialmente como um discurso anticomunista. Segundo Ary da Matta, Stroessner acreditava “sinceramente na união da grande família americana, no destino comum dos povos e governos de nosso Continente na base do respeito à *liberdade* e à dignidade de todos [grifo nosso].” (DA MATTA, 2 mai. 1955, 2ª seção, p. 13).²³ Contudo, o exílio de Perón no Paraguai mudaria essa perspectiva em relação ao governante paraguaio e seu governo.

²² No mesmo texto, Ary da Matta exaltou o Correio Aéreo Nacional como instrumento de aproximação entre Brasil e Paraguai.

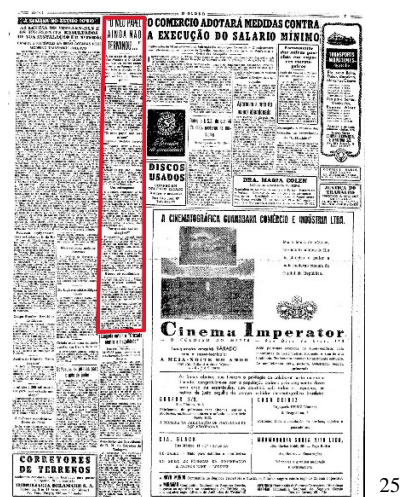
²³ O comunismo era apresentado pelos anticomunistas como algo alheio à história e cultura dos países americanos.

Imagem 1



Fonte: *O Globo*, 21 mai. 1954, 1ª seção, p. 1.

Imagem 2



Fonte: *O Globo*, 21 mai. 1954, 1ª seção, p. 7;

²⁴ Acima à esquerda a manchete da entrevista de Morínigo na primeira página de 21 de maio de 1954; ao centro, a entrevista publicada naquele dia.

Imagem 3



Fonte: O Globo; UP, 12 jul. 1954, 1ª seção, p. 12

²⁶ À direita a nota da UP publicada n’O *Globo* em 12 de julho de 1954, na qual Stroessner foi apresentado como “único candidato” às eleições e como “chefe” do movimento que depôs Federico Chaves.

Imagem 4



Fonte: DA MATTA, 4 ago. 1954, 1ª seção, p. 1

Imagem 5



Fonte: DA MATTA, 4 ago. 1954, 1ª seção, p. 9;

²⁷ À esquerda o destaque recebido na primeira página em 4 de agosto de 1954: “VÍNCULOS DE COMPREENSÃO E AMIZADE LIGAM PARAGUAI E BRASIL. Fala a O GLOBO o general Alfredo Stroessner, presidente eleito da República irmã – A redemocratização do país – O intercâmbio entre dois bons vizinhos, ponto vital de política administrativa – Dinamizando os valores humanos da nobre nação guarani – Um estadista que dorme apenas 4 horas.”; ao centro a matéria publicada naquela edição.

Imagem 6



Fonte: DA MATTA, 2 mai. 1955, 2ª seção, p. 13.

O exílio de Perón no Paraguai

Rodolpho Gauthier dos Santos (2021) analisa como o antiperonismo foi um dos principais elementos mobilizados pela oposição a Getúlio Vargas no Brasil para atacar o seu segundo governo (1951-1954) – o qual terminou de forma trágica com o suicídio do presidente. Santos demonstra como o antiperonismo estava presente na imprensa brasileira antivarguista, especialmente aquela identificada com os grupos liberais – como a revista *O Cruzeiro* e o jornal *Tribuna da Imprensa*, fontes priorizadas pelo autor. Conforme destaca Santos, esses grupos consideravam que existiria uma “ameaça argentina” representada por Perón e Vargas seguiria os passos do presidente argentino. A “ameaça argentina” estaria presente nos ataques à liberdade de imprensa e aos opositores, no “fanatismo das massas” a favor do(s) presidente(s) e no poder dos sindicatos. Outro elemento residiria em pretensões

²⁸ À direita, a matéria de Ary da Matta publicada em 2 de maio de 1955 sobre o “presidente aviador”. A entrevista de Morínigo e a nota da UP, com referências críticas à política interna paraguaia, ocuparam espaços menores e com menos destaque do que as matérias positivas de Ary da Matta sobre Stroessner.

imperialistas de Perón, representadas por pesquisas com energia atômica e por alianças políticas e econômicas com países vizinhos.²⁹

O Globo já tinha acompanhado a relação entre Stroessner e Perón antes de seu exílio no Paraguai. O presidente argentino estava com viagem marcada ao Paraguai quando houve o golpe que derrubou Federico Chaves em maio de 1954. Um dos principais propósitos era devolver os troféus da Guerra da Tríplice Aliança. Devido ao golpe, a viagem foi adiada e os troféus foram devolvidos apenas na posse de Stroessner em agosto de 1954. Em 17 de agosto de 1954, imediatamente após à devolução dos troféus por Perón, o Marechal brasileiro José Pessoa destaca n’*O Globo* que a Argentina estaria “imitando” o Brasil. Pessoa relata que o Brasil, em 1943, entregou uma placa de ouro ao Paraguai na qual estava escrito o decreto que extinguiu a dívida de guerra dos paraguaios. Apesar do gesto, Pessoa defende que o Brasil também deveria devolver a espada usada por Solano López em Cerro Corá, episódio final da Guerra da Tríplice Aliança que vitimou o governante paraguaio. (PESSOA, 17 ago. 1954, 1ª seção, p. 9). O texto é indicativo da preocupação de setores político-sociais brasileiros com as relações de Perón com os países vizinhos. Entretanto, no caso do Paraguai, essa preocupação se acentuou n’*O Globo* durante o exílio de Perón no país.

Em meio à queda do governo de Perón e sua ida ao exílio no Paraguai, o antiperonismo na imprensa brasileira esteve pautado pela – falsa – “carta Brandi”. A carta mobilizou a opinião pública brasileira por semanas enquanto era discutida a sua (in)autenticidade.³⁰ Em meados de setembro de 1955, cerca de duas semanas antes das eleições, o jornalista Carlos Lacerda, do *Tribuna da*

²⁹ Já sob Federico Chaves as relações entre Perón e o Paraguai foram acompanhadas pel’*O Globo* – e pela diplomacia brasileira. Dentre outras medidas, Perón e o presidente Federico Chaves tinham assinado em 1953 o “Convenio de Unión Económica Paraguayo-Argentina”. Editorial d’*O Globo* de 2 de setembro de 1953 qualificou a aproximação entre Paraguai e Argentina como “perigo” e “derrota” para o Brasil e cobra mais atenção do governo brasileiro com Asunción. (O GLOBO, 2 set. 1953, 1ª seção, p. 1). Francisco Doratioto ressalta que Brasil e Estados Unidos não tiveram envolvimento na queda de Chaves, mas que tampouco “condenariam a queda de um governo que tinha estreitas relações com Perón.” (DORATIOTO, 2012, p. 517).

³⁰ Para saber mais sobre a carta Brandi e como se comprovou a sua inautenticidade, cf. Santos (2021).

Imprensa, divulgou uma suposta carta para João Goulart escrita pelo deputado provincial peronista Antônio Jesus Brandi, da Província argentina de Corrientes – Lacerda também era deputado federal desde o início daquele ano. A carta, datada de 1953, sugeria que Goulart, quando foi Ministro do Trabalho, teria comprado armas da Argentina para entregar a trabalhadores no Brasil. A carta foi tema da principal manchete d’*O Globo* em 17 de setembro de 1955, dia seguinte ao início do golpe que derrubaria Perón: “Armas Cedidas por Perón a João Goulart Para a Implantação da ‘República Sindicalista’”. O documento foi reproduzido na íntegra na primeira página. Goulart, conforme destacamos, era candidato a vice-presidente nas eleições de outubro de 1955.³¹ Apesar d’*O Globo* ter publicado questionamentos que eram feitos à carta, consideramos que o documento pode ter potencializado e norteado o interesse de leitores brasileiros pela queda de Perón e seu exílio no Paraguai.

Em 4 de outubro de 1955, *O Globo* publicou uma matéria do enviado especial Geraldo Romualdo da Silva sobre o exílio.³² Conforme indicado na epígrafe, o jornalista destacou que o governo paraguaio não estava cumprindo o “democrático dever” de informar à imprensa sobre o caso. O texto se referiu a Perón com qualificativos como “antigo Ditador” e “outrora arrogante e impiedoso General” e a capital do Paraguai seria uma cidade “de velhos afetos seus”, dentre os quais estaria Stroessner, descrito como um “velho amigo” do presidente argentino. Stroessner teria concedido a Perón um asilo “mais do que salvador, conveniente” (DA SILVA, 4 out. 1955, 1ª seção, p. 3). Enquanto Ary da Matta se referiu a Stroessner como um “estadista” e “soldado romano”,

³¹ A capa de 17 de setembro de 1955 é um exemplo do apoio d’*O Globo* à candidatura de Juarez Távora (UDN) a presidente. Uma nota anuncia que a Rádio Globo transmitiria os comícios que o candidato faria naquela data em Santos e no dia seguinte em Campinas, ambos às 20 horas. (O GLOBO, 17 set. 1955a, 1ª seção, p. 1). Além disso, no texto “*Eles Querem Currals*”..., de cunho editorial, o jornal destaca Távora como um candidato autêntico e realista. “Vai percorrendo o país, pregando suas ideias sem mudar a cor dos vocábulos, nem afeiçãoá-los ao gosto dos auditórios.” (O GLOBO, 17 set. 1955b, 1ª seção, p. 1). O texto faz um contraponto entre a candidatura de Távora e as de Juscelino Kubitschek e João Goulart, os quais, segundo o jornal, não desejariam “eleições insuspeitas”. (O GLOBO, 17 set. 1955b, 1ª seção, p. 1).

³² Geraldo Romualdo da Silva era conhecido como jornalista esportivo. Sua cobertura do exílio de Perón pode ter decorrido de uma combinação de fatores: além dos rumores sobre a estadia ou não do presidente deposto no Paraguai, o embaixador brasileiro em Asunción, Moacyr Ribeiro Briggs, estava prestes a deixar o posto e as seleções paraguaia e brasileira de futebol jogariam em novembro. Geraldo Romualdo da Silva escreveu sobre os três temas n’*O Globo*.

Geraldo Romualdo da Silva ironizou que o governante paraguaio teria dado a Perón “as boas vindas à terra que jurara defender!” (DA SILVA, 4 out. 1955, 1ª seção, p. 3). Além disso, a matéria ressaltou a mobilização de militares para a chegada do presidente argentino, o que teria dificultado o trabalho da imprensa. Sobre a aterrissagem de Perón no Paraguai, o jornalista escreveu:

(...) quem se atreveria a penetrar no portão principal da Força Aérea? E as baionetas? E os automóveis de chapa oficial, transitando para lá e para cá, em louca velocidade, assim dirigidos para espantar os visitantes?!

(...).

Oficiais do Exército, figuras de destaque no mundo político, entravam sem obstáculos. Palmas se faziam ouvir à distância. Quem vinha lá? Quem? Perón! (DA SILVA, 4 out. 1955, 1ª seção, p. 3).

Mais de um ano após o suicídio de Vargas, a matéria mostra como a imprensa brasileira continuava associando-o a Perón. Geraldo Romualdo da Silva se referiu a Ricardo Gayol – o comerciante argentino que hospedou o presidente deposto em Asunción – como “o Gregório de Perón”.³³ (DA SILVA, 4 out. 1955, 1ª seção, p. 3).

³³ Gregório Fortunato foi chefe da segurança pessoal de Vargas. Foi acusado de envolvimento no atentado a Carlos Lacerda em 1954, o qual fazia ferrenha oposição a Vargas. O “Atentado da Rua Tonelero” no Rio de Janeiro, como ficou conhecido, foi um dos estopins da crise política que levou ao suicídio do presidente brasileiro em agosto daquele ano. Em 1956 foi condenado a 25 anos de prisão como mandante do atentado.

Imagem 7



34

Fonte: DA SILVA, 4. out. 1955, 1ª seção, p. 1

Imagem 8



35

³⁴ A imagem 7 corresponde à capa de 4 de outubro de 1955. Em vermelho está a manchete para a matéria de Geraldo Romualdo da Silva sobre o exílio de Perón. O tema dividiu espaço com manchetes sobre as eleições brasileiras e a carta Brandi. No editorial “A Perícia Caligráfica e a Autenticidade da Carta de Brandi a Goulart”, o qual ocupa a parte inferior da página, *O Globo* destaca que não se posicionou até a Polícia Federal de Buenos Aires indicar que seria “sumamente provável” a autenticidade da assinatura de Brandi. “A verdade acerca das ligações de Goulart com Perón começa a aparecer em sua nudez.” (O GLOBO, 4 out. 1955, 1ª seção, p. 1). A perícia da Polícia Federal de Buenos Aires corroborava o antiperonismo presente n’*O Globo*, em detrimento de outros elementos que envolviam os debates sobre a carta.

³⁵ Na imagem 8 é possível observar o espaço expressivo – aproximadamente meia página – ocupado pela matéria de Geraldo Romualdo da Silva mais três fotos onde é possível observar, a casa onde Perón estava hospedado; uma foto do jornalista e segurança de Perón e uma foto do ex-presidente argentino em um automóvel. A matéria contou, ainda, com reprodução de carta

Fonte: DA SILVA, 4 out. 1955, 1ª seção, p. 3.

Naqueles dias, Perón também era associado à corrupção administrativa e de menores. Com colaboradores em Buenos Aires, *O Globo* noticiou as suspeitas de corrupção (CAETANO; SANTOS, 5 out. 1955, 2ª seção, p. 5) e o envolvimento de Perón com menores de idade como a estudante Nelly Rivas (DUARTE, 3 out. 1955, 1ª seção, p. 8; DUARTE; SANTOS, 5 out. 1955, 1ª seção, p. 7). Indícios de enriquecimento ilícito também marcaram a cobertura do caso com Nelly, pois diversas joias de “brilhantes, platina, ouro” teriam sido encontradas com a estudante depois da queda de Perón. (DUARTE, 3 out. 1955, 1ª seção, p. 8). As três matérias citadas neste parágrafo sobre corrupção administrativa e de menores tiveram manchetes na primeira página d’*O Globo*.

O Globo abriu espaço para a versão do governo paraguaio sobre o exílio de Perón no país. Geraldo Romualdo da Silva voltou a escrever sobre o tema em 7 de outubro de 1955, depois de Stroessner conceder entrevista para jornalistas estrangeiros. Stroessner reivindicou o direito de conceder asilo político e afirmou que Perón não poderia “conspirar no exílio” – a manchete inclusive se refere a esse ponto: “Perón não poderá conspirar no exílio contra a segurança da nação argentina”. (DA SILVA, 7 out. 1955, 1ª seção, p. 2). Foi a manchete principal da página e a matéria ocupou duas colunas centrais da metade superior. Além disso, houve chamada para a matéria na primeira página d’*O Globo*.

O presidente paraguaio negou ter recebido Perón no aeroporto, o que teria sido feito pelo Ministro do Interior e pelo Chefe de Polícia. Segundo Stroessner, Perón lhe procurou posteriormente como um “dever de cortesia” pelo asilo recebido e evitou qualificar o encontro como um “ato oficial”. (DA SILVA, 7 out. 1955, 1ª seção, p. 2).

As explicações de Stroessner parecem não ter sido convincentes, pois Geraldo Romualdo da Silva explicou que as perguntas foram previamente recebidas pelo governante paraguaio, o que teria lhe “facilitado a tarefa”.

de Perón aos jornalistas – incluída abaixo da foto da casa –, da qual saiu a frase que intitula a matéria: “Sou apenas Juan Perón”.

“Assim, as indagações foram encaminhadas em bloco, o que determinou respostas igualmente em bloco do entrevistado.” (DA SILVA, 7 out. 1955, 1ª seção, p. 2). Esse procedimento levou a uma das perguntas feitas a Stroessner: “Por que o Governo paraguaio procura dificultar o acesso dos representantes da imprensa estrangeira ao despacho de V. Ex., para uma entrevista menos protocolar e mais franca?” (DA SILVA, 7 out. 1955, 1ª seção, p. 2). Ainda no que se refere ao trabalho da imprensa, outra pergunta questionava o acesso que a United Press tinha tido a Perón. “Por que foi negado esse acesso a outros jornalistas?” (DA SILVA, 7 out. 1955, 1ª seção, p. 2). O fato de a UP ser publicada pel’*O Globo* não excluiu, assim, disputas por informações em torno do exílio. A entrevista aumentou as tensões entre Paraguai e Argentina, cujo novo governo esperava que o governante deposto não se pronunciasse no país vizinho.³⁶

Sobre as perguntas previamente enviadas, Stroessner alegou falta de tempo em virtude dos compromissos do governo, os quais não teriam sido alterados pelo “caso Perón”. A respeito do acesso a Perón, Stroessner respondeu que não cabia ao governo paraguaio negar ou conceder acesso à residência particular na qual estava o ex-presidente argentino.

Perguntas sobre a política interna do Paraguai também estiveram presentes. Uma das perguntas questionava sobre a prisão temporária do opositor Carlos Pastore, do Partido Liberal. Stroessner respondeu que seu governo viveria dentro do “espírito da democracia” e que a prisão de Pastore teria sido motivada por “um caso pessoal e não de dirigente partidário”. (DA SILVA, 7 out. 1955, 1ª seção, p. 2). Além disso, responsabilizou os comunistas pelos protestos contra seu governo e à presença de Perón.

Além de conceder espaço para a versão do governo paraguaio, *O Globo*, apesar de seu antiperonismo, chegou a defender o direito de o Paraguai conceder o asilo ao presidente argentino. O asilo está contemplado na

³⁶ Andrew B. Wardlaw, Primeiro Secretário da Embaixada dos Estados Unidos no Paraguai, relatou em informe de 7 de outubro de 1955 que o correspondente local da United Press era meio irmão de Juan Chaves, embaixador paraguaio na Argentina (apud SEIFERHELD; DE TONE, 1988, p. 126-127).

Declaração Universal dos Direitos Humanos proclamada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1948. Segundo Norberto Bobbio (2013), os direitos do homem – nos quais se baseiam os direitos humanos – representam o pressuposto filosófico do Estado liberal.³⁷ Em 8 de outubro de 1955, *O Globo* destacou que o governo argentino pedia o fim do asilo devido à entrevista concedida por Perón à United Press. O jornal considerou que era compreensível a preocupação do governo argentino e que era reprovável a conduta de Perón. Contudo, defendeu a soberania do Paraguai na decisão e que somente às autoridades do país competiria:

(...) sem qualquer coação externa, tomar as providências que julgar necessárias, estabelecendo os limites que entender lícitos à liberdade de locomoção e de palavra do homem a quem concederam asilo. A exigência argentina parece-nos uma quebra das praxes vigentes em direito internacional. (O GLOBO, 8 out. 1955, 1ª seção, p. 5).

Apesar desse posicionamento, a mesma edição reiterava a tese de infiltração peronista no Brasil. A primeira página trazia a manchete “Infiltração Peronista no Brasil na gestão do Sr. João Goulart”. A matéria comentava sobre uma carta do ex-Ministro Segadas Viana em que afirmava que Goulart teria fomentado greves. A carta foi lida por Carlos Lacerda na Câmara. (O GLOBO, 8 out. 1955, 1ª seção, p. 2).

Geraldo Romualdo da Silva voltou a publicar sobre o exílio em 10 de outubro de 1955 sob a manchete “Perón adquiriu 30 casas em Assunção”, o que demonstraria seu poderio econômico e a intenção do presidente argentino em permanecer no país e acomodar “amigos”. A matéria ocupou aproximadamente um quarto de página e foi acompanhada de foto de uma das casas, na qual o ex-presidente argentino pretendia residir. Ricardo Gayol, o empresário argentino que recebeu Perón no Paraguai, foi tratado como sócio do presidente deposto e

³⁷ “(...) todos os homens, indiscriminadamente, têm por natureza e, portanto, independentemente de sua própria vontade, e menos ainda da vontade de alguns poucos ou de apenas um, certos direitos fundamentais, como o direito à vida, à liberdade, à segurança, à felicidade – direitos esses que o Estado, ou mais concretamente aqueles que num determinado momento histórico detêm o poder legítimo de exercer a força para obter a obediência a seus comandos devem respeitar, e portanto não invadir, e ao mesmo tempo proteger contra toda possível invasão por parte dos outros.” (BOBBIO, 2013, p. 11).

sua fortuna geraria “espanto e indagações”. A política interna do Paraguai e o tema da liberdade de imprensa voltaram a ser destacados pelo jornalista:

A censura continua. O que se tinha na conta de suposição, deixou inteiramente de o ser. A censura existe. Agora, mais severa que antes. Principalmente para os correspondentes brasileiros. Meu último telegrama foi retido duas horas nos Correios, só porque anunciamos a próxima mudança de Perón. (DA SILVA, 10 out. 1955, 1ª seção, p. 2).

O responsável pela censura seria o “velho e oleoso” Leopoldo Ramos Giménez, o qual teria “todos os tiques e laivos de delator.”³⁸ “É um homem de inteligência discutível, medíocre e falso. É um peronista furioso.” (DA SILVA, 10 out. 1955, 1ª seção, p. 2). Ao se referir a Ramos Giménez desse modo, o jornalista evidencia como o antiperonismo foi um dos elementos que marcaram a leitura da ditadura Stroessner pel’*O Globo* durante o exílio de Perón. O desfecho do governo de Perón na Argentina também pontuou as expectativas do jornalista em relação ao futuro político do Paraguai:

Se os argentinos livraram-se do seu tirano, por que os paraguaios não fazem o mesmo? Acaso o povo paraguaio, o Exército e a Marinha têm menos dignidade e menos coragem que os argentinos? Ou menos amor à liberdade e à Justiça? – estas frases circularam em toda esta cidade, em volantes mimeografados em que se prega a revolução no Paraguai. (DA SILVA, 10 out. 1955, 1ª seção, p. 2).³⁹

Em 20 de outubro de 1955, *O Globo* publicou entrevista feita por Geraldo Romualdo da Silva com Carlos Pastore, opositor de Stroessner citado na entrevista que o ditador paraguaio concedeu a jornalistas estrangeiros com perguntas previamente recebidas. No texto de apresentação da entrevista, Geraldo Romualdo da Silva escreveu que Stroessner tinha dado “uma resposta sinuosa” sobre a situação de Pastore aos jornalistas estrangeiros. Na entrevista concedida para *O Globo*, Pastore agradece aos jornalistas por sua liberação. Destacou que Perón era um inimigo do Paraguai. O país teria se endividado

³⁸ Leopoldo Ramos Giménez (1891-1988) teve uma trajetória que foi do anarquismo a homem de confiança de Stroessner. Sob a ditadura ocupou a Subsecretaría de Informaciones de la Presidencia de la República.

³⁹ Perón foi derrubado por um golpe militar que contou com o apoio de instituições como a Igreja, partidos opositores e setores da sociedade civil.

com os acordos estabelecidos com o governante argentino e que o objetivo de Perón, quando se aproximou do Paraguai, seria o de reconstruir as fronteiras coloniais do Vice-Reinado do Prata.⁴⁰ Perón também seria uma ameaça ao Brasil, “questão de rivalidade, de superação, fosse de que maneira fosse.” (apud DA SILVA, 20 out. 1955, 1ª seção, p. 7). Perón estaria conspirando no exílio “de janela aberta”. Sobre o Paraguai, Pastore destacou que no país existiria uma tirania: “As restrições à liberdade são mais rígidas do que na Argentina peronista. O Paraguai vive na anarquia. Há vinte anos que luta contra esse estado irregular. Os campos de concentração foram reabertos.” (apud DA SILVA, 20 out. 1955, 1ª seção, p. 7).

O asilo de Perón no Paraguai gerou tensões entre Stroessner e os governos antiperonistas que assumiram o poder na Argentina em 1955. Além disso, chamou a atenção internacional para o que ocorria no Paraguai, como se nota na cobertura d’*O Globo*. O governo de Stroessner passou a ser analisado, também, sob a perspectiva do antiperonismo presente na imprensa brasileira – e na de outros países onde estavam sediadas as agências internacionais que abasteciam *O Globo* e a imprensa latino-americana mais amplamente, dentre as quais se destacavam as norte-americanas como a International News Service e a United Press.⁴¹ Ao antiperonismo presente na imprensa se somaram as experiências vividas por correspondentes estrangeiros no Paraguai e as novas informações contra Stroessner que receberam ao cobrirem o exílio do presidente argentino. A saída de Perón do país em 2 de novembro de 1955 não foi suficiente para diminuir os questionamentos sobre a política interna paraguaia.

Após sair do Paraguai, Perón concedeu entrevista em Salvador, onde fez uma escala. Ironizou quando os militares argentinos convocariam eleições; minimizou confronto com a Igreja Católica; afirmou que Stroessner – definido pelo jornal como “seu amigo particular” – desejava sua permanência no

⁴⁰ Os vice-reinados eram divisões político-administrativas da América espanhola. O Vice-Reinado do Prata contemplava, de um modo geral, os atuais territórios de Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia, além de partes menores de países vizinhos como o Chile.

⁴¹ Ambas se fundiram em 1958.

Paraguai, mas que resolveu partir para diminuir a pressão sobre paraguaios. (LUZ, 4 nov. 1955, 1ª seção, p. 11). Apesar dessa abertura para o ex-presidente argentino, a manchete “Perón confessa suas ligações com Jango” evidencia o antiperonismo e antivarguismo n’O *Globo* e a perspectiva de uma “ameaça argentina” sobre o Brasil, inclusive depois de comprovada a falsidade da carta Brandi pela investigação conduzida pelo general Emílio Maurell Filho, secretário geral do Ministério da Guerra.⁴² O relatório da investigação tinha sido divulgado em 1º de novembro de 1955, quatro dias antes da publicação da entrevista dada por Perón em Salvador.

Considerações finais

As representações sobre Stroessner e seu governo n’O *Globo* entre 1954 e 1955 indicam a necessidade de apreensão de governos ditatoriais como o paraguaio em perspectiva transnacional. A queda e o exílio de Perón reverberaram no Brasil em meio ao processo eleitoral de 1955. Além disso, o exílio, ao despertar o interesse da imprensa internacional, foi uma oportunidade para a oposição paraguaia denunciar a ditadura Stroessner. Dentre outros pontos, a cobertura d’O *Globo* passou a associar o governante paraguaio com a repressão de opositores e a censura à imprensa. A ditadura Stroessner, por sua vez, também usou a imprensa para se defender de acusações, transformando jornais como *O Globo* em um palco importante de debates políticos.

A saída de Perón do Paraguai em 2 de novembro de 1955 não foi suficiente para diminuir os questionamentos sobre a política interna do país. Ainda em 1955, em 23 de dezembro, *O Globo* noticiou, a partir das agências internacionais United Press e France Press, que o governo paraguaio teria sufocado uma rebelião de militares simpáticos a Perón, descontentes com a aproximação entre Stroessner e os novos governantes antiperonistas que

⁴² A “confissão” de Perón se refere ao seguinte trecho da entrevista: “Se fosse brasileiro, teria votado na chapa Juscelino e Jango, pois conheço muito esse último e sei que é um moço inteligente e empreendedor, que compreende muito bem os problemas deste grande país, inclusive a necessidade de uma maior compreensão entre Brasil e Argentina.” (apud LUZ, 4 nov. 1955, 1ª seção, p. 11).

assumiram na Argentina.⁴³ O texto fala em “permanente luta intestina” no Paraguai, perda de apoio internacional ao país desde a queda de Perón e que a “situação econômica seria gravíssima.” (O GLOBO; UP; FP, 23 dez. 1955, 1ª seção, p. 7). “O povo não consegue farinha, azeite, açúcar nem mandioca, que é o alimento básico de seus habitantes.” (O GLOBO; UP; FP, 23 dez. 1955, 1ª seção, p. 7). A solução seria “devolver ao povo as garantias democráticas”. (O GLOBO; UP; FP, 23 dez. 1955, 1ª seção, p. 7). O texto destaca que Stroessner deu um “golpe de Estado” para assumir o poder, ainda que tenha sido eleito posteriormente.

A instabilidade política seria uma constante nas referências ao Paraguai nos anos seguintes. A oposição, exilada especialmente na Argentina, se organizou de diferentes modos para derrubar o ditador paraguaio – inclusive em guerrilhas, ainda na década de 1950. O governo de Stroessner minimizava os feitos e a quantidade de opositores, acusava-os de métodos antidemocráticos, relacionava algumas ações aos comunistas e acusava autoridades argentinas e a imprensa do país vizinho de cumplicidade com a oposição paraguaia.

O Globo, as agências internacionais de notícias e a SIP continuaram acompanhando a política paraguaia nos anos seguintes. As versões do governo Stroessner eram contempladas pela imprensa, mas há indícios de permanências da “guinada nas representações”. Um exemplo pode ser observado em 6 de fevereiro de 1958, quando *O Globo*, a partir da United Press, noticiou que cartas publicadas na Venezuela – onde o ditador Marcos Pérez Jiménez tinha sido derrubado no final de janeiro – demonstravam a relação de Perón com Rafael Trujillo, ditador da República Dominicana, mas também com Stroessner, indicando o peso do antiperonismo nas representações sobre o ditador paraguaio mais de dois anos após Perón ter deixado o Paraguai. (O GLOBO; UP, 6 fev. 1958, 1ª seção, p. 8).

O desgaste internacional de Stroessner desencadeado pelo exílio de Perón favoreceu a oposição paraguaia, mas, paradoxalmente, também colaborou para o fortalecimento do Partido Colorado. Segundo Alfredo M.

⁴³ Stroessner concedeu asilo a Perón, mas reconheceu o novo governo argentino.

Seiferheld (1988), as críticas do novo governo argentino à concessão de asilo a Perón estimularam o nacionalismo paraguaio e contribuíram para a busca de unidade entre os colorados, o que favoreceu Stroessner. A queda de Perón enfraqueceu o nome de Epifanio Méndez Fleitas (1917-1985), uma das principais lideranças do Partido Colorado e conhecido simpatizante do presidente argentino. O enfraquecimento do grupo ligado a Méndez Fleitas contribuiu para a “unidade” colorada após Perón deixar o Paraguai em novembro de 1955.⁴⁴

Ainda segundo Seiferheld, o exílio de Perón e o estremecimento de relações com a Argentina foram decisivos para que o Brasil passasse a ser o principal foco da política externa de Stroessner:

Stroessner tomó la decisión de inclinarse hacia el Brasil y las consecuencias de aquella postura pueden observarse nítidamente hoy en la economía paraguaya, estrechamente ligada a la brasileña. (...). Muy pronto, sin embargo, el derrocamiento, el asilo y la salida de Perón del Paraguay, se convirtieron en un hecho episódico. Pero las huellas permanecieron en el país. La rigidez de las relaciones paraguayo-argentinas se observaba en cualquier tipo de acto protocolar o social que se realizaba en el Paraguay. (SEIFERHELD, 1988, p. 11).

Um tema a ser aprofundado são as representações sobre Stroessner e seu governo na imprensa em meio à queda de outras ditaduras na segunda metade da década de 1950 e início dos anos 1960: além de Pérez Jiménez citado acima, Gustavo Rojas Pinilla caiu na Colômbia em 1957, Fulgêncio Batista em Cuba em 1959 e Trujillo foi assassinado em 1961. Em que medida esses processos repercutiram nas representações sobre a ditadura paraguaia?

Há outras possibilidades de pesquisa em aberto. É preciso aprofundar as representações sobre Stroessner e seu governo durante o exílio de Perón em outros veículos de imprensa o Brasil, não necessariamente alinhados com

⁴⁴ Méndez Fleitas era presidente do Banco Central. Já tinha ocupado o posto entre 1952 e 1954, durante o governo de Federico Chaves. Foi decisivo para a assinatura do “Convenio de Unión Económica Paraguayo-Argentina” em 1953. Também tinha sido Chefe da Polícia da Capital entre 1949 e 1952. Em 1956, Stroessner enviou Méndez Fleitas para uma “missão cultural” à Espanha, o que na prática representou um exílio do qual nunca retornou. Faleceu em Buenos Aires em 1985.

grupos liberais. Houve representações diferentes daquelas veiculadas pel’*O Globo*? É necessário aprofundar, ainda, outros períodos como o governo Juscelino Kubitschek, tendo em vista a forte aproximação entre Brasil e Paraguai naqueles anos. Acreditamos que o apelo ao “progresso” e ao anticomunismo, feito pelos governos dos dois países, serviram de anteparo às críticas a Stroessner. Outro exercício seria uma comparação entre representações de Stroessner e seu governo na imprensa brasileira antes e depois de 1964, quando a ditadura militar foi instaurada no Brasil. Entre 1964 e 1985, os dois lados da fronteira foram governados por ditaduras. Os militares caíram no Brasil em 1985, mas Stroessner ainda prosseguiu no governo paraguaio até 1989.

Referências.

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 31, p. 137-166, jan.-jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n31/a06v1531.pdf>>. Acesso em 6 jul. 2023.

BARROS, José D’Assunção. Histórias interconectadas, histórias cruzadas, abordagens transnacionais e outras histórias. **Secuencia**, n. 103, p. 1-30, en.-abr. 2019. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/secu/n103/2395-8464-secu-103-e1528.pdf>>. Acesso em: 9 mar. 2022.

BOBBIO, Norberto. **Liberalismo e Democracia**. São Paulo: Brasiliense, 2013.
BOCCIA PAZ, Alfredo. El Paraguay contemporáneo. In: BOCCIA PAZ, Alfredo; RIVAROLA, Milda. **Historia General del Paraguay**. Asunción: Fausto Ediciones, 2013. v. III.

BREZZO, Liliana M. **La Devolución de los Trofeos de Guerra**. Asunción: El Lector; ABC Color, 2014. (Colección 150 Años de la Guerra Grande).

BREZZO, Liliana M.; YEGROS, Ricardo Scavone. **Historia de las Relaciones Internacionales del Paraguay**. Asunción: El Lector; ABC Color, 2010.

CAETANO, Daniel; SANTOS, José. Assombrada a Argentina com a fortuna de Perón. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 5, 5 out. 1955, 2ª seção.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. Difel, 2002.

CHEDID, Daniele. **A Cultura como Via de Aproximação:** a Missão Cultural Brasileira no Paraguai (1952-1974). Dourados: Editora UFGD, 2014.

COLMÁN, Emilio Alapanian. **Identidades em Confronto:** imagens do Brasil e do Paraguai nos jornais O Estado de São Paulo e La Tribuna durante o caso dos Saltos Sete Quedas/Guairá (1963-1966). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-24112016-133902/pt-br.php>>. Acesso em: 16 mai. 2023.

DA MATTA, Ary. Compreensão e amizade ligam Paraguai e Brasil. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 9, 4 ago. 1954, 1ª seção.

DA MATTA, Ary. Gen. Stroessner, piloto da FAB. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 13, 2 mai. 1955, 2ª seção.

DA SILVA, Geraldo Romualdo. “Sou apenas Juan Perón”. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 3, 4 out. 1955, 1ª seção.

DA SILVA, Geraldo Romualdo. Afirma Carlos Pastore: No Paraguai, Perón conspira de janela aberta. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 7, 20 out. 1955, 1ª seção.

DA SILVA, Geraldo Romualdo. Perón adquiriu 30 casas em Assunção. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 2, 10 out. 1955, 1ª seção.

DA SILVA, Geraldo Romualdo. Perón não poderá conspirar no exílio contra a segurança da nação argentina. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 2, 7 out. 1955, 1ª seção.

DORATIOTO, Francisco. **Relações Brasil-Paraguai:** afastamento, tensões e reaproximação (1889-1954). Brasília: FUNAG, 2012.

DUARTE, Eurilo. Nelly Rivas faz confidências a “O Globo” sobre o seu estranho romance com Perón. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 8, 3 out. 1955, 1ª seção.

DUARTE, Eurilo; SANTOS, José. Corruptor de estudantes, última faceta de Perón. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 7, 5 out. 1955, 1ª seção.

GANSTER, Rafael. **Industrialização e imprensa:** o debate acerca da indústria automobilística durante o governo JK (1956-1961). Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/7380/2/DIS_RAFAEL_GANSTER_COMPLETO.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2023.

KRILOW, Letícia Sabina Wemeier. **Democracia e Discurso Autorreferencial**: representações em disputa nas páginas da grande imprensa carioca (1955-1960). Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2022. Disponível em: <<https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/10297>>. Acesso em: 11 out. 2023.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

LUZ, Yvon. Perón confessa suas ligações com Jango. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 11, 4 nov. 1955, 1ª seção.

MENDES, Ricardo A. S.; VENTAPANE, Jacqueline. Jules Dubois e a Revolução Cubana: imparcialidade da imprensa ou ação política. In: SALES, Jean; ARAÚJO, Rafael; MENDES, Ricardo; SILVA, Tiago (Org.). **Revolução Cubana**: ecos, dilemas e embates na América Latina. Aracaju: IFS, 2019. Disponível em: <http://www.ifs.edu.br/images/EDIFS/ebooks/2019.2/E-Book_-_Revolu%C3%A7%C3%A3o_Cubana.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2023.

MENEZES, Alfredo da Mota. **A Herança de Stroessner**: Brasil-Paraguai, 1955-1980. Campinas: Papyrus, 1987.

MORAES, Ceres. **Paraguai**: a consolidação da ditadura Stroessner (1954-1963). Porto Alegre: EDIPURS, 2000.

NERI FARINA, Bernardo. **El Último Supremo**: la crónica de Alfredo Stroessner. Asunción: El Lector, 2003.

NICKSON, Andrew. El régimen de Stroessner (1954-1989). In: TELESKA, Ignacio (Org.). **Historia del Paraguay**. Asunción: Taurus, 2010.

O GLOBO. “O meu papel ainda não terminou...”. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 7, 21 mai. 1954, 1ª seção.

O GLOBO. “Sem liberdade de expressão não existe a democracia”. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 2, 24 mai. 1954, 1ª seção.

O GLOBO. A palavra de Juarez Távora, hoje, e amanhã, na Rádio Globo. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 1, 17 set. 1955a, 1ª seção.

O GLOBO. A perícia caligráfica e a autenticidade da carta de Brandi a Goulart. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 1, 4 out. 1955, 1ª seção.

O GLOBO. Duas derrotas; dois perigos. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 1, 2 set. 1953, 1ª seção.

O GLOBO. Eles querem “currais”... **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 1, 17 set. 1955b, 1ª seção.

O GLOBO. Infiltração peronista no Brasil ao tempo da gestão João Goulart. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 2, 8 out. 1955, 1ª seção.

O GLOBO. Perón e o direito de Asilo. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 5, 8 out. 1955, 1ª seção.

O GLOBO; AFP. Eleição dentro de 3 meses no Paraguai. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 8, 10 mai. 1954, 1ª seção.

O GLOBO; AFP. Reconhecem os EE. UU. o novo Governo do Paraguai. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 7, 15 mai. 1954, 1ª seção.

O GLOBO; AFP; INS. O novo Governo paraguaio. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 16, 10 mai. 1954, 1ª seção.

O GLOBO; AFP; INS. Tem novo presidente o Paraguai. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 1-3, 12 set. 1949, 1ª seção.

O GLOBO; INS; AFP; UP. Teria triunfado a revolução no Paraguai. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 6, 6 mai. 1954, 1ª seção.

O GLOBO; UP. Eleições no Paraguai com um único candidato. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 12, 12 jul. 1954, 1ª seção.

O GLOBO; UP. Publicadas em Caracas missivas trocadas entre Perón e Trujillo. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 8, 6 fev. 1958, 1ª seção.

O GLOBO; UP; FP. Sufocada sem tiros a tentativa de rebelião no Paraguai. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 7, 23 dez. 1955, 1ª seção.

PESSOA, José. A espada de Solano López. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 9, 17 ago. 1954, 1ª seção.

SANTOS, Rodolpho Gauthier. **A Construção da Ameaça Argentina: a oposição a Perón na imprensa brasileira (1945-1955)**. São Paulo: Intermeios, 2021.

SEIFERHELD, Alfredo M. Introducción. In: SEIFERHELD, Alfredo M.; DE TONE, José Luis. **El Asilo a Perón y la Caída de Epifanio Méndez: una visión documental norteamericana**. Asunción: Editorial Histórica, 1988.

SIEPE, Raymundo. Perón e a integração latino-americana: o Brasil e a Terceira Posição Peronista (1946-1955). In: VILLA, Rafael Duarte; KALIL, Suzeley

(Org.). **Ensaio Latino-Americanos de Política Internacional**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2007.

SILVA, Heber Ricardo. Jornais liberais e o campo político durante a transição democrática. In: **A Democracia Imprensa: transição do campo jornalístico e do político e a cassação do PCB nas páginas da grande imprensa, 1945-1948** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/9yv2/pdf/silva-9788579830129-03.pdf>>. Acesso em: 6 set. 2023.

SILVA, Paulo Renato da. A devolução dos troféus da Guerra da Tríplice Aliança e a “confraternidade argentino-paraguai” (1954). **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 19, n. 1, p. 12-22, jan.-abr. 2015. Disponível em: <<https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2015.191.02/4584>>. Acesso em: 5 mai. 2023.

SILVA, Paulo Renato da; DIAS JÚNIOR, Waldson de Almeida. O “progresso” e a “falta”: representações e relações Brasil-Paraguai no jornal *O Globo* durante a construção da Ponte da Amizade (1956-1965). **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 12, n. 2, ago-dez, 2019. p. 7-32. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosfronteiras/index.php/v03n02/article/view/934>>. Acesso em: 04/10/2023.

SILVEIRA, Helder Gordim da. A imprensa nas relações internacionais: o golpe de 1964 no Brasil como construção midiática na Argentina. **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v. 28, n. 1, p. 64-87, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/36134>>. Acesso em: 21 ago. 2023.

SOLER, Lorena. **Paraguay, la Larga Invención del Golpe: el stronismo y el orden político paraguayo**. Buenos Aires: Imago Mundi, 2012.

Recebido em: 01 de novembro de 2023

Aceito em: 10 de maio de 2024